O testemunho pessoal histórico de um neobehaviorista

ELIEZER SCHNEIDER

Apesar da popularidade das correntes psicanalíticas e derivadas, do prestígio social do existencialismo, da autoridade da fenomenologia e do gestaltismo e, nas duas últimas décadas, do sucedâneo cognitivista e do estimulante humanismo, no mundo acadêmico do Rio de Janeiro houve sempre alguma receptividade para as brilhantes e corajosas contribuições condutistas à psicologia. Na década de 30 murmurava-se algo sobre psicologia nos restritos grupos de educadores e psiquia-

tras, em escolas normais e hospícios (denominação em voga, na época, dos hospitais psiquiátricos). E, exatamente num centro psiquiátrico, na Colônia de Psicopatas de Engenho de Dentro, ensaiava-se a organização sofisticada de um autêntico laboratório científico de psicologia experimental, segundo os melhores modelos universitários europeus, cabendo-lhe a direção a um genuíno psicólogo, com formação em Varsóvia e Genebra, o Prof. Dr. W. Radecky. Foi vítima de distorções, não por ser doutor em psicologia, mas porque usava uma barbicha e tocava violino, isto segundo a crônica anedotária. Vingou-se com uma frase-julgamento que marcou época: "O Brasil é um país em que charlatães podem passar por cientistas e cientistas passam por charlatães". Mas, na década de 30, doutrinas e correntes psicológicas também começavam a despertar interesse em outros centros acadêmicos, jurídicos e pré-jurídicos, onde se complementava o currículo oficial profissional com debates, conferências e centros de estudo em que pontilhavam com fervor temas ideológicos, políticos, religiosos, sociológicos, educacionais, etc. O Prof. Leônidas de Rezende, catedrático de economia política na Faculdade Nacional de Direito, ministrava a cadeira de filosofia no curso pré-jurídico (pré-vestibular), detendo-se, na parte psicológica do programa, no confronto entre as posições psicologísticas de Gabriel Tarde e o sociologismo de Emile Durkheim. De toda a ampla matéria dada pelo brilhante e eloqüente mestre, este duelo entre dois ilustres sociólogos franceses interessou-nos especialmente. Porto Carrero ensinando higiene, disciplina também exigida para os exames vestibulares durante algum tempo, avivou nosso interesse pela psicanálise. Posteriormente, através de Lourenço Filho, chegamos a John Dewey e John Watson. Com Lourenço Filho e o Dasp realizavam-se concursos para técnico de educação e técnico de administração, impressionando-nos a presença relevante da psicologia nos programas exigidos para essas duas áreas. Finalmente, atraiu-nos ainda mais o concurso para assistente de ensino do Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil, promovido pelo Prof. Jaime Grabois, destacado ex-aluno e assistente do Prof. Radecky, concurso organizado e realizado pelo Dasp na sede do Instituto dirigido por Jaime Glabois. Assistindo aulas de Grabois e lendo Pieron e Claparède, voltamo-nos para uma perspectiva científica da psicologia.

Com esta expectativa, conseguimos bolsa de estudo na então State University of Iowa, sob os auspícios do Instituto Brasil-Estados Unidos e do Institute of International Education. Em Iowa City, no Departament of Psychology da Universidade lá sediada, fomos altamente favorecidos pelo dia-a-dia com grandes mestres da psicologia, os cientistas Kenneth Spence e Robert Sears, e o filósofo Gustav Bergman, com o reforço dos assistentes e doutorandos, hoje também grandes mestres como Amons, Farber, Gewirtz, etc. Behavioristas da escola hulliana não eram meros seguidores de Hull, pois davam muito de contribuição pessoal sempre muito brilhante. As aulas do Prof. Spence eram interessantíssimas pela clareza, argumentação inteligente e freqüentes ilustrações e exemplificações. Nós, que chegamos em Iowa sob a crença de que o behaviorismo foi apenas uma página da história, com a representação supostamente obsoleta de J. Watson, nos deparamos com uma corrente revitalizada, revivida, fortalecida, persuasiva e poderosa através da palavra, dos artigos, das pesquisas e das citações do grande chefe da escola, Clark Hull. A psicologia experimental da aprendizagem, a psicologia da motivação e os estudos individuais, que nos aplicávamos, sob a orientação de Kenneth Spence, muito exigiam de nós, mas nos empolgavam pelos novos horizontes descobertos e pela confiança que nos proporcionavam de uma psicologia menos vaga, incerta, insegura e com mais e maiores possibilidades científicas.

Nas décadas de 40 e 50 prevalecia nos Congressos da Associação de Psicologia Aplicada (APA), nas publicações e nos departamentos de psicologia a influência dos psicólogos do alto nível de Hull, Skinner, Spence, Sears, Tolman, Guthrie, Mowrer, Miller e Dollard, etc. – divergentes mas comportamentistas todos eles. Com a colaboração de um filósofo especialista, erudito e talentoso, como Gustav Bergman, Spence pôde ir além de um neopositivismo rígido, concebendo o neobehaviorismo segundo uma visão sem o sufixo "ista", preferindo falar numa abordagem comportamental e objetiva, acima das limitações de escolas e seitas. Contudo, fazia reparos às interpretações e especulações psicobiológicas evolucionárias de seu mestre C. Hull. Nesta questão discordávamos de Spence e acompanhávamos com otimismo seu mestre Hull. Não nos convencemos, porém, que Hull, Spence e seus seguidores, procurando chegar às leis do comportamento simples através de estudos experimentais rigorosamente precisos e controlados da aprendizagem animal, poderiam elaborar as leis do comportamento humano complexo e superior com o recurso do método hipotético-dedutivo e derivações lógico-matemáticas. Acreditávamos que os fenômenos molares e macrossociais mereciam abordagem direta através de uma metodologia comparativa e histórico-cultural. Esta perspectiva foi reforçada ainda, na década de 40 e seguintes até hoje, pelo behaviorista radical e menos voltado às teorizações B.F. Skinner, cuja novela utópica, Walden II, iniciou uma trajetória genial em que os princípios do controle e do reforçamento sociais demonstraram extraordinária versatilidade. Skinner era muito admirado e acatado nos departamentos de psicologia de orientação hulliana. Fazia, e faz, restrições ao behaviorismo metodológico de Hull e Spence e este último, ao fazer a apologia de Skinner, criticava-o por ser *too empiricist* (muito empiricista). Hull e Spence eram condutistas mediacionais que incorporavam e traduziam constructos e variáveis intervenientes de Tolman, contra o qual polemizavam em verdadeiros duelos de artigos e experimentos sofregamente publicados numa guerra intelectual intransigente. De seu lado, Skinner rejeitava toda e qualquer especulação mediacionista, que considerava desnecessária concessão ao metabolismo e desvio da postura comportamentista cientificamente suficiente. É curioso, porém, notar que é precisamente o behaviorismo radical de Skinner que se aventurou no estudo do comportamento social complexo, enquanto o behaviorismo metodológico de Hull e Spence condenava como extrapolação prematura e indevida qualquer inferência da aprendizagem simples animal ao comportamento humano, social e complexo. Kenneth Spence considerava, também, como prematura qualquer aplicação prática da teoria da aprendizagem e do comportamento simples. Defendia a tese de que a psicologia deveria se ater à condição de ciência pura e desinteressada, até alcançar o *status* teórico bem fundamentado em leis empíricas devidamente comprovadas.

Contra esta posição situaram-se os hullianos Miller e Dollard, ao traduzirem conceitos psicanalíticos em termos da teoria da aprendizagem, e preconizaram a psicoterapia psicanalítica para a superação da neurose e reeducação feliz da personalidade. As psicoterapias comportamentais, em todas as suas variedades, receberam pleno apoio e explicação da parte de Skinner, principalmente a modificação do comportamento segundo os princípios do reforço, de fato nucleares e marcantes em todas as modalidades de psicoterapia. O behaviorismo nos fez compreender que as neuroses eram formas conflituosas e penosas de comportamento adquirido por condicionamento punitivo e reforçamento negativo. Não caberia identificá-las com o conceito de doença, nem a psicoterapia com o conceito de medicação. Sobre esse questionamento publicamos vários artigos no boletim do Instituto de Psicologia e também na revista *Ciências Humanas*, da Universidade Federal do Rio

de Janeiro e da Universidade Gama Filho, respectivamente. Mas a psicologia clínica firmou-se como especialidade profissional, adquirindo mesmo uma conotação paramédica. Contra a psicologia clínica opunha-se veementemente o Prof. Nilton Campos, médico especializado em psiquiatria, que se voltara para a psicologia como discípulo e assistente de Radecky. Nilton Campos temia que psicólogos clínicos passassem a exercer a medicina ilegal e clandestinamente, despreparados pois, como não-médicos. Também nos opúnhamos à denominação e conotação médicas de psicologia clínica, mas por outras razões. Não temíamos que o psicólogo clínico fosse atraído a exercer ilegalmente a medicina, porque para se especializar em psicologia prática tinha que receber uma preparação tão exigente e especializada, totalmente incompatível com as imensas exigências da especialização médica. O interesse dominante do psicólogo é diferente e sua prática profissional é completamente distinta e *sui generis*. Precisamente por estas diferenças e para se evitar uma falsa identificação, optávamos por denominações como "psicologia prática" ou "aplicada". No XIII Congresso Internacional de Psicologia Aplicada, realizado em Roma, representamos o Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil, por indicação do Prof. Nilton Campos, apresentando uma tese que contestava a inclusão de conflitos e sofrimentos psicológicos no quadro muito abrangente da entidade "doença mental". Neste trabalho, publicado posteriormente no boletim do Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil *(Revista de Estudos Psicológicos)*, remontávamos a uma análise elaborada por J. Watson em que o autor distinguia a doença mental da origem orgânica dos distúrbios de origem psicológica, em termos de condicionamento e aprendizagem. Era, assim, outro posicionamento que devíamos à nossa formação comportamentista que nos envolveu no curso de mestrado em psicologia da universidade de Iowa.

Outra experiência curiosa que vivenciamos no *graduate course* em psicologia, realizado em Iowa, foi a do estágio na escola maternal do Child Welfare Research Station, dirigido pelo professor de psicologia infantil, o já ilustre Prof. Robert Sears, também ex-discípulo e assistente de Clark Hull, cuja orientação seguia no estudo e ensino de psicologia da criança. Tipo nórdico dolicocéfalo, alto e louro de olhos azuis, R. Sears criticava a discreta manifestação de afeto e calor humano de sua etnia no trato com os filhos, os quais eram criados mais no sentido do asseio e da ordem do que do amor e carinho. Neste particular, Sears elogiava outras etnias minoritárias e primitivas que demonstravam mais ternura com os filhos. Aprendemos com Sears que se pode ser behaviorista e humano ou mesmo humanista. Este ensinamento harmonizava-se com o nosso humanismo e humanitarismo espontâneos e naturais, de profundas raízes em nossa filosofia de vida. Sugerimos a Sears, sempre acessível e afável, uma pesquisa sobre curiosidade em crianças de três e quatro anos, no posto de bem-estar da criança que ele dirigia, sucedendo a Kurt Lewin que fora seu diretor durante 10 anos e onde realizou várias pesquisas entre as quais, com destaque, a de liderança. Num centro acadêmico dedicado à criança, com tão rica tradição de pesquisa, achávamos que seria bem-vinda uma investigação sobre curiosidade em tenros petizes de três e quatro anos de idade. Formulamos nossa metodologia convictos de sua viabilidade. Sears, porém, reagiu friamente, alegando que seus assistentes estavam ocupados na orientação de pesquisas sobre agressividade. Era o espírito da época. o *zeitgeist* de 1945, final da II Grande Guerra. Compreendemos seu impedimento, mas estranhamos sua indiferença por um assunto que foi depois brilhante e originalmente estudado e divulgado por Berlyne.

De volta ao Instituto de Psicologia, no Rio de Janeiro, esboçamos um planeja-

mento de pesquisa sobre curiosidade na infância. Mas tivemos que desistir. Felizmente, o assunto não foi omitido da história da psicologia graças à contribuição de Berlyne.

Nos foi sugerido, então, como tema para dissertação de mestrado, um estudo de caráter correlacional sobre inteligência. Contudo, estávamos envolvidos emocional e motivacionalmente pela teorização behaviorista. Muito psicologicamente, nos propõe então o filósofo Gustav Bergman um tema que nos interessou bastante: Teorias emergentistas da personalidade. Era uma *librarian research,* pesquisa em biblioteca, pesquisa teórica. Bergman realizou uma orientação meticulosa e uma revisão minuciosa de tudo que escrevíamos. Orientou-nos para a crítica ao emergentismo de Gordon Allport e Abraham Maslow, do ponto de vista analítico, em que reunia teorias behavioristas, funcionalista moderna e atualizada (Harvey Carr) e psicanalítica. Foi um curso de estudos psicológicos ministrado por um filósofo neopositivista autônomo e independente, autor, posteriormente, de um tratado de filosofia da ciência condensado na tradução espanhola e, anteriormente, de muitos trabalhos, alguns em parceria com o neobehaviorista Kenneth Spence.

Para um brasileiro, esperançoso de encontrar em universidade norte-americana uma psicologia científica, a experiência no departamento de psicologia da Universidade de Iowa foi muito marcante. Mas, não nos sectarizou. Durante anos dávamos nossas aulas aqui no Rio, sem pregação behaviorista. Mas, nos deparávamos demais com prevenções, distorções e verdadeiras compulsões antibehavioristas. O condutismo engloba correntes e contribuições muito sérias e muito valiosas. Reagimos, pois, contra o que nos parecia preconceituosa estigmatização, em salas de aulas e inclusive em bancas examinadoras.

Divergências, contestações, oposições, críticas, polêmicas podem conter grandes cargas de animosidade e inescrupulosidade. Contudo, na discussão científica, podem acarretar conseqüências de valor heurístico, de esclarecimento, de motivação para a pesquisa e até para o entendimento e acordo. Em um congresso nacional da APA tivemos a oportunidade de presenciar o espírito de concórdia de um polemista contundente, como Kenneth Spence. O episódio ocorreu no ano de 1946. Mas vale a lembrança pela impressão que nos deixou. Durante uma sessão na área da psicologia experimental da aprendizagem, um jovem assistente de Spence (D. Ehrenfreund) expunha uma pesquisa que realizara, cujos resultados confirmaram a hipótese de Spence, contestando a de Tolman e Krech. Este, porém, interpelou o expositor, criticando seu estudo experimental e deixando-o inseguro. Neste momento, Spence fez uso da palavra num discurso em que elogia os adversários, enaltecendo o espírito científico e a produtividade das correntes em choque de idéias mas não em guerra, contribuindo todos para o progresso da ciência do comportamento. Não podemos nos recordar do discurso em sua íntegra. Foi um improviso pacificador e harmonizador, apresentado em um instante de atrito entre duas bancadas de professores que se colocavam distantes uma da outra na mesma sala de sessões do congresso. Kenneth Spence, o behaviorista e polemista intransigente, sabia estender a mão num gesto de aproximação e tolerância com que procurou superar o clima de ressentimento provocado por críticas publicadas principalmente na *Psychological Review*. Para um bolsista brasileiro a cena inesperada dizia muito de positivo quanto às possibilidades de concórdia num campo de posições adversas. Esta é, também, nossa disposição que devemos, em boa parte, aos professores Spence e Sears, dois expoentes do neobehaviorismo.

Guardamos também outra cena que nos pareceu expressiva de traços de personalidade de grandes mentores de behaviorismo. O eminente Paul Thomas Young

relata sua pesquisa experimental sobre preferências alimentares de pombos, interpretando os resultados quando, muito cortês e objetivamente, B.F. Skinner aparteou falando de sua própria experiência laboratorial, sem fazer qualquer crítica, objeção e depreciação, em tom afável e respeitoso. Young, porém, irritou-se, tornando-se mais rubicundo do que era normalmente, e interrompendo algumas vezes o aparteante com a declaração de que empregara o método científico. Memorizamos essas cenas porque ao chegarmos em Iowa tínhamos, como outros latino-americanos e europeus, a imagem do behaviorista como *tough minded*, "linha dura", cientificista, intolerante e intransigente em seus julgamentos das posições adversas e contrárias. Porém, o que vimos nas atitudes públicas e particulares de Spence, Sears, etc. foi exatamente o oposto desta imagem ameaçadora. Nossa perspectiva, hoje, é a da aproximação e integração gradual das escolas psicológicas em confronto, superando-se, pouco a pouco, as prevenções mútuas e as críticas destrutivas radicais.